



# CARTA MENSAL

*Colégio Brasileiro de Genealogia*

Ano XXVIII - Nº 130 - nov/dez 2015

## MENSAGEM DE ANO NOVO

Nosso recado de Festas vem da publicidade do banco Itaú, nas palavras de Nizan Guanaes. Com elas, em seu último ano de gestão, esta Diretoria deixa mensagem que, mais do que importante, considera imprescindível.

*É lindo ver o mundo se tornar digital.*

*Mas todos nós precisamos vigiar pra que ele nunca deixe de ser humano e pessoal. Afinal, fomos nós que criamos a tecnologia para servir a raça humana.*

*A internet que nós criamos veio para melhorar e mudar muitas coisas, mas há coisas que ela não pode e não deve mudar.*

*Amigos não podem ser feitos só pela internet, nem amizades, nem laços de família mantidos por e-mails e mensagens curtas. Não é o GPS que vai guiar a sua vida. Nem é papel do Waze ensinar seu filho qual é o melhor caminho a tomar na hora da tormenta.*

*Afinal, não é o wi-fi que mantém a nossa conexão com aquelas coisas inexplicáveis e divinas de que só a raça humana tem a senha.*

*Por isso, lembre-se: é fim de ano, outro se inicia. Feche os olhos, olhe para dentro e faça um download só de coisas boas.*

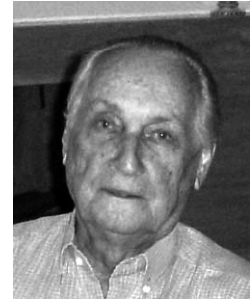
*Que aí você vai ver que, de todos os aplicativos que nós fomos capazes de criar, nenhum é melhor que o aplicativo que você tem dentro de você chamado **coração**.*

*Viva a vida em plenitude e seja humanamente feliz!*

## ASSOCIADOS SÃO NOTÍCIA

- **Martin Romano Garcia**, confrade Correspondente no Paraguai, diretor da Editorial Tiempo de Historia, dá-nos ciência de dois dos mais recentes lançamentos: "La Guerra del Paraguay en primera persona", de Liliana M. Brezzo, e "Paraguay Rural 1870-1963, una geografia del progreso, el pillaje y la pobreza" do Dr. Jan Kleinpenning.  
<http://tiempodehistoria.org>
- No Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais:
  - **Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho**, no dia 7 de novembro, tomou posse da Cadeira nº 87, cujo patrono é Basílio de Magalhães, professor, jornalista, historiador, folclorista, filólogo, geógrafo e político brasileiro. Em nome do Instituto, foi saudado pelo titular da Cadeira nº 93, o confrade **Marcos Paulo de Souza Miranda**;
  - **Stanley Savoretti de Souza** teve sua posse marcada para o dia 13 de fevereiro do próximo ano.
- **Teldson Douetts Sarmiento** foi eleito presidente do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica - IPHG para o triênio nov 2015 - nov 2018, substituindo o também confrade **Adauto Ramos**. A posse deu-se no dia 27 de novembro.

- **Falecimento** – Faleceu no Rio de Janeiro, dia 17 de novembro, aos 84 anos, o associado Adjunto **Lael Vital Brazil**. Filho do médico cientista Vital Brazil Mineiro da Campanha, nasceu em Niterói, RJ, a 13.02.1931. Foi piloto comandante e depois empresário de aviação até 1987, quando se aposentou e passou a se dedicar à pesquisa genealógica, objetivando resgatar a história e a genealogia da família Vital Brazil. Criou na cidade natal paterna (Campanha-MG) uma sociedade cultural sem fins lucrativos e um museu, ambos com o nome de seu genitor, tornando-se Cidadão Honorário. Era membro da Academia Valenciana de Letras, do IHG da Campanha, e um dos fundadores da ASBRAP. Proferiu inúmeras palestras sobre a história do pai em SP, MG e RJ, e publicou *A Família Vital Brazil, Resumo Histórico Genealógico; Os Pereira de Magalhães Descendentes do Cel. José Francisco Pereira; Os avós dos meus netos; Vital Brazil Mineiro da Campanha – Uma Genealogia Brasileira ; Vital Brazil, vida e obra; e Vital Brazil – Meu Pai*.



- **Biblioteca** - Informamos aos novos associados - e recordamos aos antigos - que o Estatuto CBG traz em seu Art. 12 - item b a obrigação do associado em "doar à biblioteca um exemplar das publicações de sua autoria nas áreas de interesse do Colégio". Em razão do exíguo espaço para guarda, só temos como adicionar a nosso acervo obras eminentemente genealógicas ou que tenham, em seu conteúdo, pelo menos uma boa parte que trate de genealogia, nossa precípua razão de existência.

Registramos nossos sinceros agradecimentos aos que enviaram volumes de sua autoria, ou de outrem, para ampliar o acervo CBG. São os seguintes os livros registrados no período:

- *Índice dos Processos de Habilitação para Familiar do Santo Ofício da Inquisição* – de Luiz Amaral, Rui Gil e Hugo Sousa Tavares (Portugal), doação de **Eliana Quintella de Linhares**.

- *Alemães e austríacos em Juiz de Fora* – 2 vols, de Ivone Zimmermann, doação da autora.

Autora de "Princesa Mafalda", nome do navio que trouxe seus ascendentes maternos da Itália para o Brasil, desta vez Ivone Zimmermann apresenta seu lado paterno alemão e austríaco, as famílias Zimmermann e Umsonst. Como ela conta, a princípio o trabalho abrangia ramos interligados, direta ou indiretamente, com sua família, tais como Larcher, Vieregge, Kirchmeyer, Hirsch, Knauff, Clemens, Scoralick e outras, mas acabou estendendo-se "a todas, ou melhor a quase todas as famílias alemãs e austríacas que emigraram para Juiz de Fora que, então, era denominada Cidade do Paraibuna." O primeiro volume atém-se às famílias dos avós paternos Alois/Luiz Zimmermann e Eliza Umsonst. e o volume 2, de modo amplo, ao grupo teuto radicado em Juiz de Fora e entorno.



Doação de Maria José e Luiz Celso Bretas Pereira, nora e filho do saudoso associado Mauro de Almeida Pereira:

- *O Escrivão* – de Mauro de Almeida Pereira, pesquisa e organização de Maria José Lara de Bretas Pereira.

Organizado pela nora, o livro reúne, nas três primeiras partes, artigos e palestras de Mauro entre as décadas de 1940 e 1990. E na quarta e última, informações e atualizações de sua obra mais importante: *Os Almeidas, os Britos e os Netos em Leopoldina/MG*, com registros do próprio Mauro, sobre as famílias Pereira, de Portugal; Almeida, de Santa Rita de Ibitipoca e Leopoldina; Pereira Pinto e Silva Xavier, de Ouro Preto; Bretas, Miranda Lima e Monteiro de Barros, de Ouro Preto e Cachoeira do Campo; e, a contribuição de Maria José, com os Biolcati e Pavanelli, da Itália, ramos ancestrais do sogro, apenas iniciados por ele;

- *Um tabelião de muitos ofícios – biografia de Mauro de Almeida Pereira*, de Maria José Lara de José Lara de Bretas Pereira.

Em páginas onde a genealogia permeia, a trajetória de vida de Mauro, assim apresentado por ela: "Órfão de tenra infância, portava uma carência profunda de informações sobre seus ancestrais. Seus estudos de genealogia revisitaram suas próprias origens. Tornou-se historiador porque a história das cidades que descreveu costurava o tecido de sua própria história. (...) Essas histórias envolvem centenas de personagens e mais de dez gerações em inúmeras localidades, num período superior a duzentos anos."

- *Revista do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica*, nº 17, 2015.

Destacando-se os artigos: *Ariano Suassuna na intimidade – sua genealogia*; *Joaquim Douetts Diniz e sua geração*; *Maria Leopoldina Cordeiro Pinto – Ancestralidade e descendência*; *Genealogia de José Freire de Lima*; e *Genealogia de Laurita Pessoa Raja Gabaglia*.

## A Tragédia da Família Watenpuhl

A saga dos alemães - do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo - org. Erni Guilherme Engelmann.  
Colaboração de: Armindo Lauffer, Adelmo Trott, Adriano Dienstmann, Miriam Malta Martins, Isete Maria Koliver

Os primeiros habitantes de Santa Maria do Mundo Novo foram os indígenas. Eram índios da tribo dos Caingangues, que habitavam a parte centro-oeste da Serra Geral, e da tribo dos Caáguas, que habitavam a parte do nordeste riograndense. Ambas as tribos, cujos índios eram chamados de coroados, devido ao corte de cabelo em forma de coroa, pertenciam à grande família dos Gês.

Estes silvícolas eram, em geral, pacíficos, pois já habitavam este vale quando chegaram os primeiros colonos e ainda permaneceram por algum tempo próximo aos imigrantes, sem os perturbar. É fato incontestável que, nos primeiros decênios da colonização alemã, diversos colonos foram assaltados e mortos por bugres\* nas colônias de São Leopoldo e São Sebastião do Caí, mas isto era, antes de tudo, a luta pela posse de terras, pois, com a chegada dos imigrantes, os silvícolas se viram despojados de seus domínios e isso gerou ódio em alguns bugres.

[\* Nota CBG: A palavra bugre era então usada para identificar os indígenas.]

(...) Houve, porém, um triste acontecimento que comoveu a opinião pública na época, justamente por se tratar de um assalto que fora praticado por um grupo de bugres que tinham como único objetivo o roubo e a destruição. O assalto foi executado contra a família Watenpuhl, na propriedade de Heinrich Peter Watenpuhl. No comando do grupo de silvícolas estava um escravo foragido, conhecido como "João Grande", também chamado de "Cacique Nicuê", como escreveu o historiador Antonio Serrano, em seu trabalho publicado na Revista do Museu Julio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, nº.7, ano 1957. Mesmo não sendo ele um indígena, conseguiu impor-se como chefe deste pequeno grupo, com apenas 23 bugres.

Heinrich Peter Watenpuhl nasceu em Mengerschied, Hunsrück, Alemanha, em 1805, filho de Heinrich Peter Watenpuhl e Maria Catharina Grässer, conforme o Evangelische Archivstelle Boppard. Em 25 de setembro de 1831 casou-se, em primeiras núpcias, com Maria Elisabeth Dienstmann, com a qual teve seis filhos. Ainda em Henschhausen tiveram quatro filhos. Anna Margaretha nasceu em 9 de janeiro de 1833, Johann Phillip em 12 de setembro de 1838 e Catharina Elisabeth em 24 de novembro de 1841. Uma das filhas, Maria Katharina, faleceu na Alemanha, com poucos meses de vida, tendo nascido em 8 de dezembro de 1836 e falecido em 29 de março de 1837, de acordo com o Registro de batismo da Igreja de Bacharach. Dois dos filhos deste casal nasceram no Brasil: Heinrich Jacob nasceu em Hamburgo Velho, em 20 de novembro de 1845; e Maria Katharina, que ganhou o nome da irmã falecida na Alemanha, nasceu em Taquara do Mundo Novo, em 19 de outubro de 1848. Com o falecimento de Maria Elisabeth, Heinrich Peter casou-se, em segundas núpcias, com Margaretha Einsfeld, irmã de seu amigo, compadre e vizinho, Heinrich Einsfeld. Com ela teve um filho.

João Grande e seus bugres planejaram o assalto e o consumaram em 8 de janeiro de 1852, invadindo a propriedade de Heinrich Peter Watenpuhl e de sua esposa Margaretha Einsfeld, ao sudeste do Vale do Arroio Kampf, na época conhecido como Vale e Arroio do Tigre, pelo fato de lá terem existido muitas onças.

No dia do ataque, estavam na propriedade de Heinrich Peter, a mulher Margaretha e o filho mais novo, criança de pouco mais de um ano, e os filhos que tivera com Maria Elisabeth Dienstmann, inclusive Anna Margaretha, que não morava mais com o pai, havia casado há poucos meses com Heinrich Hoffmeister, e com ele havia fixado residência em Lajeado. Passava uns dias com o pai enquanto o marido resolvia alguns problemas em S. Leopoldo.

Estava, portanto, naqueles dias, toda a família reunida na propriedade, e naquele 8 de janeiro todos se dirigiram para a roça, para a colheita de feijão. Trabalharam ativamente e, quando estavam com o serviço quase concluído, João Grande e seu bando os surpreenderam com ação rápida e criminosa. Atacaram a família, inicialmente acertando Heinrich Peter Watenpuhl com uma flecha, atingindo-o nas costas.

Surgiram, então, com grande alarde, silvícolas de todas as direções, lançando-se sobre as infelizes mulheres e crianças indefesas. Anna Margaretha tentou fugir, mas foi alcançada por um bugre que a segurou, tendo parte dos cabelos arrancados. Sobre o corpo de Watenpuhl rolaram um pedaço de pau para esconder o cadáver, destruíram e saquearam tudo, mataram animais, deixando a propriedade num estado desolador. Logo a seguir, iniciaram a fuga levando com eles a família raptada.

Nas proximidades da propriedade dos Watenpuhl o acontecimento não foi percebido logo, pois moravam em um local bastante retirado, longe dos vizinhos. Apenas um senhor, que tinha propriedade um pouco mais próxima da casa da família é que observou certo silêncio, o que era de estranhar, pois Heinrich Peter Watenpuhl era conhecido por seus gritos, enquanto trabalhava. Assim, depois de horas sem notar nenhum indício de movimentação na casa, o vizinho resolveu averiguar o que havia acontecido e foi muito grande o susto desse homem que se deparou com um cenário horrível. Notificou, imediatamente, a vizinhança, que organizou um grupo de homens encarregados de irem ao encalço dos raptadores para salvar as vítimas.

Os assaltantes já estavam longe, e pode-se imaginar que os perseguidores inexperientes não obtiveram sucesso nas buscas. No deslocamento de João Grande e seu bando, os infelizes raptados sofreram horrivelmente, pois não eram acostumados com a vida selvagem, e, em pouco tempo, estavam praticamente sem vestes, com os pés ensanguentados, com cortes causados por espinhos e obstáculos na mata. Margaretha Einsfeld tinha nos braços o filho, criança com pouco mais de um ano, que chorava incansavelmente. João Grande, temendo que o choro pudesse denunciá-los, arrancou o infeliz dos braços da mãe e bateu a cabeça da criança contra uma árvore, esfacelando-lhe totalmente o crânio, atirando o cadáver no mato.

Na sua fuga, cada vez mais longe da colônia, chegaram nas proximidades do Passo do Raposo, zona de espessa floresta, e onde era o acampamento definitivo do bando de João Grande. Na região do Rio dos Sinos, no município de São Leopoldo, onde habitavam os índios coroados, a família foi mantida por aproximadamente quinze meses, como algumas pesquisas indicam. Os silvícolas procuravam integrar os prisioneiros à vida da selva, à sua cultura e aos seus costumes, obrigando-os a executar tarefas rudes, tomar banhos de rio em dias frios, em plena madrugada, bem como, também, andarem nus. Arrancaram-lhes todos os cílios e pelos do corpo, tingindo suas peles com tintas vivas, preparadas de seiva de árvores, para torná-los imunes a picadas de insetos e às intempéries.

O passar do tempo fez com que a vigilância sobre os raptados diminuísse muito e sabe-se que uma índia velha ficou responsável pela vigilância da família prisioneira, que terminou por conceder-lhes certa liberdade, já no convívio diário era perceptível que eles não tinham a menor ideia de onde estavam. Os garotos, Heinrich Jacob e Johann Phillip, em janeiro de 1852 tinham 6 e 13 anos respectivamente, e como é típico dos meninos nesta faixa etária, logo se habituaram, chegando ao extremo de gostarem da vida livre e selvagem. Receberam arcos e flechas e saíram algumas vezes com os jovens bugres para a caça.

Os raptados levavam uma vida como se fossem bugres, acostumando-se a subir em árvores, e em uma dessas ocasiões em que Anna Margaretha subiu numa quaresmeira para apanhar frutas percebeu que, ao longe, urubus voavam em círculo. Conforme conhecimentos adquiridos com o bando, sabia ela que este era um claro indício de que ali havia algum animal morto. Concluiu que deveria ser uma rês morta, e se havia gado, certamente havia fazendas e pessoas. Com este raciocínio e se vendo na possibilidade de conseguir liberdade, voltou ao acampamento onde pediu permissão à velha senhora que deles cuidava para ir ao mato colher frutas.

Tendo recebido permissão para poder afastar-se um pouco, avisou à madrastra Margaretha Einsfeld de sua intenção, seguindo então em direção leste. Andou assim a tarde inteira e à noite, cansada e com os pés doendo, as poucas vestes rasgadas devido aos galhos e espinhos da mata, deitou-se entre as raízes de uma árvore para dormir. Mas já cedo, de madrugada, acordou e voltou a caminhar e correr, na esperança de encontrar seres civilizados. A certa hora encontrou um trilho com terra revolvida, que era sinal de que ali passava o gado. Neste trecho Anna Margaretha caminhava de costas para dar a impressão de que vinha de outra direção. Esta era uma tática hábil que aprendera com os silvícolas, e que era útil para enganar possíveis perseguidores.

Fim da 1ª parte. (A 2ª e última parte virá na Carta Mensal 131 jan-fev 2016)

### Bebê de SC poderá ter pai, duas mães e seis avós na certidão.

Liminar da Justiça de Florianópolis permite registro dos nomes na certidão.  
Decisão leva em consideração novas formas de composição da família atual.

Um bebê que está para nascer em Santa Catarina terá direito ao registro na certidão de nascimento do nome do pai, de duas mães e dos seis avós. Trata-se do resultado de uma liminar da Justiça de Florianópolis que, de acordo com o poder judiciário catarinense, leva em consideração "as novas formas de composição da família na sociedade atual".

Segundo a sentença, duas mulheres casadas buscaram um parceiro para ser o pai da criança que desejavam. Consensualmente estabeleceu-se relação que, progressivamente, envolveu a todos. Então houve o pedido judicial para que essa formação multiparental seja reconhecida.

Decisão - "Defiro o pedido que busca desde já preservar o que corresponde à realidade familiar, dada a prevalência do afeto que expressa juridicamente o que de ocorrência no mundo concreto, na complexidade humana, e de interesse da criança por nascer, que recebe o reconhecimento em exame, desde já: duas mães e um pai", registrou o juiz Flávio André Paz de Brum, titular da 2ª Vara da Família da capital.

Para ele, o fato de não haver legislação sobre novos arranjos familiares não impede que eles sejam reconhecidos. "A ausência de lei para regência de novos – e cada vez mais ocorrentes – fatos sociais decorrentes das instituições familiares não é indicador necessário de impossibilidade jurídica do pedido", interpretou o juiz.

Brum reforçou o entendimento no artigo 4º da Lei de Introdução ao Código Civil. "Quando a lei for omissa, o juiz decidirá o caso de acordo com a analogia, os costumes e os princípios gerais de direito". O juiz encerrou a sentença afirmando que "o caráter biológico (não é) o critério exclusivo na formação de vínculo familiar".

<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/07/bebe-de-sc-podera-ter-pai-duas-maes-e-seis-avos-na-certidao.html>  
22.07

## GENEALOGIA DO PARANÁ

### O maior homem do Paraná

Por Luiz Romaguera Netto, do IHG do Paraná e da Academia Paranaense de Letras  
Artigo publicado na Revista do IHG do Paraná, volume LV, 2004.



Outro dia, houve uma enquete para se saber qual foi o maior homem do Paraná... Iguamente uma outra, para elegermos o símbolo de nossa cidade. No primeiro caso foi "eleito" o norueguês Alfredo Andersen, sem sombra de dúvida excelente pintor de quadros. O lobby feito para outros candidatos não aconteceu, e deu "zebra". (...)

A primeira enquete me tocou profundamente e me arvorei em dizer que o maior homem do Paraná foi Antônio de Sá Camargo. Para falarmos deste homem temos que contar alguns fatos que se passaram no território que hoje é, geograficamente, o Paraná. Isto implica saber alguns fatos sobre sua família. Assim, primeiro lembramos de seus avós. É como contar uma história da carochinha.

Era uma vez, há muitos anos, foi no areal de Santa Cruz que Manoel José de Araújo conheceu Anna Maria da Conceição e se apaixonou e logo se casaram.

José dos Santos Rosa, amigo de Manoel, administrava o inventário de dona Antônia da Cruz França e propôs que ele arrendasse as terras dessa senhora, no lugar chamado Rincão dos Buracos. Assim começamos uma das mais lindas histórias do desbravamento do Paraná.

Foram felizes e da união nasceram 14 filhos. Ele foi um dos principais tropeiros do Paraná. Sua Fazenda da Palmeira, a casinha branca da serra, ficou famosa pelos versos que o poeta alagoano Guimarães Passos fez no exílio (na Argentina), dedicando a uma neta desse casal.

Sua 7ª filha foi Mathilde Umbelina da Glória, que se casou com Antônio Joaquim de Camargo. Aqui cabe um parêntese: quando Diogo Pinto foi pedir a ajuda de Manoel José para o Trem Real destinado à conquista de Guarapuava, já encontrou tudo pronto. Sabendo do fato e que, se não desse de livre e espontânea vontade, seria compelido a isto, esperou-o com o que podia ajudar e, por isto, foi elogiado pela doação. É claro que a maioria dos lotes distribuídos em Guarapuava foi para seus filhos, genros e irmãos.

No entanto, o lote nº 1 foi destinado a Francisco Teixeira de Azevedo, o Teixeiraão, sargento-mor de Castro, genro de Manoel Gonçalves Guimarães (assentista da expedição).

Quando Saint'Hilaire passou pelo Rincão dos Buracos – Freguesia Nova -, aconteceram muitos fatos interessantes. Entre eles o que vou contar a vocês: os moradores da Província de São Paulo até hoje afirmam que ele falou que as mulheres paulistas eram mulheres brancas de feições rosadas e as mais bonitas que ele tinha visto em todas as suas andanças pelo Brasil. Elas vinham montadas em belos cavalos com selas de veludo vermelho cotelê, em trajes de montaria, onde se destacava o casaco em veludo com botões dourados e os grandes chapéus ricamente adornados. Na missa, sentavam-se no chão, cruzando as pernas e em seus braços agasalhavam e embalavam seus filhos. Só não contaram que as mulheres eram da cidade da Palmeira, aqui no Paraná... Engraçado, não é?

Mathilde e Antônio tiveram nove filhos... O 1º deste matrimônio é o nosso retratado: Antônio de Sá Camargo (1807 – 1894) foi um desses homens raros. Nasceu na Palmeira (Rincão dos Buracos) em dezembro de 1807 (seu batismo ocorreu na Capela do Tamanduá, no dia 25 de abril de 1808).

Homem trabalhador, político, fazendeiro, tropeiro e empreendedor das principais obras de que o Paraná precisava, teve atuação filantrópica maravilhosa e enorme contribuição às obras de benemerência.

Casou com sua prima Zeferina Marcondes de Sá, filha do Barão de Tibagi e da Viscondessa de Tibagi e irmã do conselheiro Jesuíno Marcondes, que muitas vezes presidiu a nossa província, inclusive sendo o último dos presidentes.

Nem tudo na vida são rosas. A tragédia acontecida com o falecimento prematuro do filho Firmino ocasionou a separação do casal. Ele prosseguiu tomando conta da fazenda de seu pai em Guarapuava e ela foi morar na cidade da Palmeira.

Realizador, contribuiu poderosamente para a criação e desenvolvimento de obras úteis de caráter coletivo: escolas, bibliotecas, banda de música, em Curitiba e em Guarapuava, a Santa Casa de Curitiba, a de Paranaguá, o teatro e a igreja de Guarapuava e, principalmente, o planejamento e a construção de estradas básicas daquela e de outras comunidades paranaenses.

Em 1840, um grupo de bandidos, com o apoio de índios, promoveu assalto à povoação da Vila de Guarapuava, querendo saqueá-la. Graças às suas medidas de defesa, o ataque fracassou, não sem a perda de muitas vidas.

Foi o fundador da Sociedade Paiquerê, organizadora de bandeiras de reconhecimento e descobrimentos, estando incluída nestas o povoamento de Palmas. Rebentando a Guerra do Paraguai, e sendo ele o comandante do 7º de Cavalaria da Guarda Nacional, fardou, equipou e armou seu batalhão à sua custa e locomoveu-se para fazer a guarnição da fronteira do lado do Barracão, fundando Palmas de Baixo.

Por tais serviços, foi comissionado Cavaleiro da Ordem da Rosa. O Decreto Imperial de 14 de julho de 1870 o fez Barão de Guarapuava.

Em 1865, havia sido eleito vice-presidente da província, sendo de se ressaltar que foi vereador em sua comuna, nas primeiras legislaturas e por diversas vezes deputado, na assembleia da província. Seu título de Visconde lhe foi concedido em 31 de agosto de 1880, em razão dos brilhantes serviços prestados à causa pública.

Morreu em Guarapuava, no dia 12 de novembro de 1894, após a Revolução Federalista, onde se portou com a maior dignidade. Está enterrado na capela central do cemitério local, que ele mesmo construiu.

Aqui em Curitiba, em certa ocasião, a avenida que leva seu nome foi mudada, por próceres políticos que queriam agradar ao Sr. Getúlio Vargas. A comunidade, em peso, associou-se e exigiu a volta de seu nome àquele local. Naquela ocasião, inaugurou-se um busto e placa, que foi colocada na esquina da avenida que leva o nome de seu nobre título e Rua Barão do Rio Branco, contendo os seguintes dizeres:

*Defendeu a sua terra com as armas nas mãos; ajudou a construir hospitais; fundou cidades e escolas; rasgou estradas e caminhos; distribuiu esmolas e libertou escravos.*

Que epíteto, hein?

Aos filhos de nossa terra e aos verdadeiros paranistas, uma afirmação:

PARA MIM, ANTÔNIO DE SÁ CAMARGO, VISCONDE DE GUARAPUAVA,  
FOI O MAIOR HOMEM DO PARANÁ!!!



Foto Alan Nascimento - Curitiba

## NOMES INDÍGENAS... LITERÁRIOS

Extraído do livro "Como você se chama?" de Raimundo Magalhães Jr., 1974.

Domingos José Gonçalves de Magalhães, ao escrever A Confederação dos Tamoios, impiedosamente criticada por José de Alencar, criou alguns nomes pretensamente indígenas, hoje muito popularizados. O futuro Visconde de Araguaia é o responsável pelo prenome usado pelo cantor Caubi Peixoto, que apareceu naquele poema épico, com a primitiva grafia de Cayoby. Criou também o nome de Potira, que seria retomado por Machado de Assis numa das poesias das Americanas. Aparece também em A Confederação dos Tamoios o nome de Tamandaré, que viria a constar do título de nobreza conferido em 1860 por D. Pedro II ao almirante Joaquim Marques Lisboa, futuro patrono da Marinha. Ele começaria por ser Barão e acabaria por ser Marquês de Tamandaré.

A safra mais abundante de nomes indígenas de origem literária provém dos romances de José de Alencar. Moacir é uma dessas criações muito difundidas. (...)

Outras criações felizes de Alencar foram Jandira e Iracema. Getúlio Vargas deu a uma de suas filhas o nome de Jandira. A notável pianista Guiomar Novais deu a uma filha o nome de Iracema. Na escolha desse nome por emigrantes, para seus filhos, tem um simbolismo: o de sua integração em nosso meio. (...)

Mais criações alencarianas: Jurandir, Araci, Pojucan ou Pojucã, Majé, Camacã, Jaguaré, Itaquê, Ipê, Jacamim, Pirajá, Cori, Camicrã, Murinhém, Guaribu, Tocantim, Agnimá, etc. Alguns desses são usados, ainda que raramente, quer como prenomes, quer como cognomes. Um grande cronista baiano chamou-se Pirajá da Silva, talvez por influência do local onde foi travada uma das batalhas decisivas da nossa independência, talvez por influência de Alencar. Na década de 1860, houve na Câmara Federal um deputado chamado Cori Porto Fernandes.

**A Família Andrade Lima**

Escrito por Coelho da Silveira em 1936.

Publicado na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano  
vol . 40, 1946.

A família ANDRADE LIMA, mui espalhada hoje em pontos vários do nosso estado, predomina, entretanto, na zona que circunscribe as antigas freguesias de Tracunhaém, Tejucupapo, Goiana, Cruangi, Bom Jardim, Limoeiro e Nazaré. (...)

Das filhas de Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, o primeiro Donatário de Pernambuco, e de d. Maria do Espírito Santo Arcoverde, princesa tabajara filha de Uira Ubi (nome do morubixaba da tribo), houve d. Antônia de Albuquerque que casou com Gonçalo Mendes Leitão. De seus filhos, Jorge Leitão de Albuquerque, falecido em 1617, contraiu núpcias com d. Madalena Barbosa, havendo deste matrimônio uma filha por nome d. Luzia de Albuquerque que casou com João de Barros Corrêa, nascido em 1641.

D. Clara de Barros Corrêa, nascida em 1675, filha de Marcos de Barros Corrêa e neta de João de Barros Corrêa e de d. Luzia de Albuquerque, acima ditos, casou com Francisco de Andrade Lima, havendo deste matrimônio um filho por nome João de Andrade Lima que casou com d. Isabel de Abreu Andrade.

João de Andrade Lima e d. Isabel de Abreu foram pais de João de Andrade Lima, Manuel da Cunha Andrade Lima, d. Teresa de Jesus de Andrade Lima e d. Clara de Andrade Lima. (...)

.....

Excetuando os acima mencionados, os mais antigos de meu conhecimento foram Francisco Coelho Meireles de Andrade Lima, João Coelho de Andrade Lima, d. Luísa de Andrade Lima, José de Barros de Andrade Lima, d. Luísa de Andrade Lima, José de Barros de Andrade Lima, todos nascidos aproximadamente nos dois últimos decênios do Século XVIII.

Francisco Coelho de Meireles de Andrade Lima, falecido em Nazaré aos 17 de junho de 1848, casou três vezes, a última das quais com d. Ana Francisca de Albuquerque, filha de José Pereira Guimarães e de d. Maria Francisca de Albuquerque, residentes então no engenho Caciculé. Dentre seus filhos: José Inácio Camelo de Andrade Lima (meu bisavô), que foi senhor dos engenhos Saudade e Primavera, hoje do município de Amaragi e Belo-Monte da freguesia de Vicência, onde faleceu em 21 de março de 1888, deixando grande descendência.

D. Joana Maria que casou com Joaquim..., tendo havido deste matrimônio filhos com descendência bem numerosa atualmente.

Francisco Meireles de Andrade Lima que faleceu sem sucessão e foi casado com d. Joaquina Francisco de Freitas, filha de Miguel Joaquim de Santana, filho de d. Maria José Teixeira de Lima, sobrinha do dr. Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda, e que foi casada com José Coelho da Costa.

Felipe Coelho Meireles casou com d. Josefa Maria. Desse matrimônio nasceu, entre outros, José Ribeiro da Cunha Sobrinho que casou com d. Joaquina Coelho da Silveira, filha de Francisco Coelho da Silveira e de d. Feliciano Barbosa, neta paterna de João Coelho da Silveira, do engenho Tabocas, da freguesia de Vitória, e de d. Maria da Conceição, filha do português Clemente de Tal. D. Joaquina Coelho da Silveira é tia do dr. Alcino Coelho, professor do Ginásio Pernambucano.

D. Ana Coelho de Andrade Lima que foi casada com José Coelho da Silveira, filho do já falecido João Coelho e de d. Maria da Conceição, assassinado barbaramente por uma horda de sicários, cujo objetivo era o roubo na madrugada de 12 de dezembro de 1883 em sua própria residência.

Manuel Inácio de Andrade Lima e Belarmino de Andrade Lima que faleceram solteiros.



Luiz de Andrade Lima Meireles, nascido em 31 de dezembro de 1830 na freguesia de Bom Jardim, que casou com d. Ana Francisca Tabosa, filha de João Ferreira Tabosa, tronco dos Tabosas de Caruaru e de sua primeira mulher d. Ana Maria, faleceu em 17 de agosto de 1899 e era avô do Sr. Olavo de Andrade Lima, atual (1936) prefeito do município de Gameleira.

D. Maria Albuquerque de Andrade Lima que casou com Antônio Alves de Almeida e deixou descendência

O João Coelho de Andrade Lima foi casado com d. Rita de Mesquita, havendo deste matrimônio: Camilo Lelis de Andrade Lima, nascido em 14 de julho de 1801 e casado com Francisca Justina da Costa Revoredo, falecida em 26 de dezembro de 1891. João Crispim de Andrade Lima, que casou e deixou descendência.

D. Luiza de Andrade Lima, nascida na última década do século XVIII, casou com Norberto Pereira de Lira que faleceu em Cruangi em meados do século passado (XIX)

Desses matrimônios nasceram vários filhos com grande descendência atualmente. Entre eles: Alexandre Pereira de Lira, pai do Sr. Miguel Joaquim Pereira de Lira, antigo escrivão do Registro Civil da cidade de Escada, Fabrício, Belarmino, José, Luiz, d. Luiza e d. Josefa que casou com José Borba.

José de Barros de Andrade Lima casou com d. Joana Pereira de Andrade, havendo desse matrimônio Antônio Vicente Pereira de Andrade, Urbano Pereira de Andrade, José de Barros Pereira de Andrade, Luiz Inácio de Andrade Lima e outros com descendência bem numerosa, conforme sucinta informação que me foi dada.

José de Barros Lima, o Leão Coroado, patriota ardente da Revolução de 1817, foi filho de um Andrade Lima, havendo nascido em 1774 em S. Lourenço da Mata.

De seu matrimônio com d. Teresa de Jesus Albuquerque Melo, deixou três filhos: d. Cândida Rosa de Barros Lima, casada com José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, filho de Antônio Coelho de Albuquerque. O Padre Antônio de Barros Lima e Joaquim Inácio de Barros Lima, casado com d. Maria Amália e com grande descendência.

E a 10 de julho de 1817 na atual Praça da República, foi fuzilado "martyr" do patriotismo, vítima da mais execrada tirania, o herói que a pátria sagrou glorioso, honra e exalta sob o nome de José de Barros Lima ou o Leão Coroado!

São João da Várzea – Recife – 1936

## PRESIDENTES DO SENADO NO IMPÉRIO E O DIREITO

Extraído do livro "Presidentes do Senado no Império", 1997, de **Carlos Eduardo Barata**

O único dentre os 20 presidentes do Senado no Império a não ter formação acadêmica alguma foi o Conde de Baependi, fazendeiro. Houve 2 religiosos e 3 militares, e com formação em Direito temos:

os Bacharéis Antonio Luiz Pereira da Cunha [Marquês de Inhambupe], Antônio Paulino Limpo de Abreu [Visconde de Abaeté], Cândido José de Araújo Viana [Marquês de Sapucaí], Estêvão Ribeiro de Rezende [Marquês de Valença], João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu [Visconde de Sinimbu], João Maurício Wanderley [Barão de Cotegipe], José da Costa Carvalho [Marquês de Monte Alegre], José Egídio Álvares de Almeida [Marquês de Santo Amaro], José Ildefonso de Souza Ramos [Visconde de Jaguarí], Luiz José de Oliveira [Barão de Monte Santo], Manuel Inácio Cavalcanti de Lacerda [Barão de Pirapama], Paulino José Soares de Souza;

e o advogado provisionado Antonio Cândido Cruz Machado [Visconde do Serro Frio].

## AUGUSTO SEVERO APAIXONADO

Transcrevemos aqui este texto em homenagem ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB que, desde 1988, com fidalguia acolhe o Colégio Brasileiro de Genealogia em suas instalações no prédio de nº 8 da avenida que leva o nome desse político, jornalista, inventor e aeronauta brasileiro.

Anderson Tavares de Lyra  
<http://www.historiaegenealogia.com/>



Como bem disse Luiz da Câmara Cascudo, estamos habituados a ver Augusto Severo no passadiço do Pax, em glória, voando para a morte. O balão esconde o homem, oculta-o, disfarça-o, deforma-o em sua consagração trágica. O Augusto Severo, homem, apaixonado pela vida, por sua terra, por seus amores, parece querer sumir. Segundo sua sobrinha escritora Mabel Tavares, Severo conquistava sem querer o coração das jovens sonhadoras. Possuía as qualidades admiradas pela juventude de seu tempo: fidalguia de maneiras, belo porte, bom de dança, sorriso sempre franco.

Mabel chega a enumerar algumas paixões do jovem Augusto Severo. Em São José de Mipibu, de passagem no trem, sorria às jovens na estação, destacando-se uma – Bela, cujo verdadeiro nome nunca saberemos. Em Canguaretama, era o enamorado das “mãos fidalgas” da jovem Nana. Na Macaíba, ficou conhecidíssimo seu amor por Maria Júlia Pessoa de Mello, filha do Comendador Umbelino de Mello, inimigo político dos Albuquerque Maranhão. O namoro foi sustado. Maria Júlia nunca se casou e Severo, depois de ter ido para o Rio de Janeiro estudar, voltou porque enamorara-se de sua tia materna Maria Nazaré, filha do terceiro casamento do seu avô Fabrício Pedroza.

Em Canguaretama, no engenho Ilha do Maranhão, em casa de seu irmão Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão, conheceu a professora de seus sobrinhos – Maria Amélia Teixeira de Araújo. Apaixonado, não esperou o retorno de seu pai que viajava e ele mesmo, quebrando os tabus da época, escreveu à mãe de Maria Amélia, rogando-lhe permissão para namorar sua filha, numa carta emocionante que transcrevemos abaixo:

*Exma. Sra. D. Inês Perpetua Teixeira de Araújo*

*Minha Senhora,*

*Peço-lhe vênias para ir a sua presença, tratar do que hoje profundamente me interessa, eu que não posso apresentar títulos que me recomendem perante a senhora; nem mesmo os de um ligeiro conhecimento pessoal.*

*Vi-a, é verdade, tive o prazer de lhe ser apresentado em abril de 1885, em casa do meu cunhado – Juvino; mas então nem sonhava que tivesse de pedir-lhe, de implorar-lhe, o que ora peço e imploro.*

*Como recomendação única, levo o mais nobre, o mais santo de todos os sentimentos – flor do céu a que Deus permitiu a vida na terra – o Amor. Inspirou-me, grande e casto, sua boa filha, D. Maria Amélia; tão grande, tão puro que já não poderei viver sem ele.*

*Peço-lhe pois a mão dela para minha felicidade, porque cifram-se (... ininteligível) posse a realização do mais risonho, do único risonho de todos os meus sonhos, o alento para as boas aspirações de minh'alma, sem a qual sinto que morrerei. Peço-lhe, de joelhos minh'alma, como implorando ao céu, que dê o seu consentimento partido do coração, que me aceite a mim por filho; a mim que quase desconhece, mas que lhe juro com a consciência branca – não se envergonhará de ter-me por tal.*

*De meu pai, que a senhora conhece, e de minha santa mãe, tenho a plena aprovação; deles, que de havê-la por filha hão de orgulhar-se, com o orgulho que não macula, que é antes um bom sentimento quando não leva egoísmo, porque lhe reconhecem todas as virtudes – flores d'alma, que na terra só é dado possuir a mulher perfeita.*

*Pela precipitação da viagem do meu pai, não o incumbi de por mim pedir à senhora, o que agora pedi; não me arrependi, porém, porque não me podia fazer conhecer mais do que sou, e eu, só eu devia pedir a minha felicidade.*

*Eu devia apresentar-me pessoalmente para este fim, do qual está pendente toda minha felicidade, o meu futuro inteiro; mas sou empregado numa casa comercial, onde me prendem obrigações tão mais fortes, porque estamos agora em meio de safra, principalmente não tendo como não tem por hora, um imediato que me substitua, por alguns dias. Poderia ir em abril, quando pretendo ir, mas não teria força bastante para conservar até lá, calcado no coração, o sentimento que precisa de seu consentimento para não explodir.*

*Por Deus, minha senhora, espero que me dará a posse da felicidade. Se não fosse impellido pela grande força que rege o movimento dos corações, não me afoitaria a tanto.*

*Junto uma carta, para cuja entrega peço-lhe permissão. Suplico-lhe que me responda na primeira mala, que pela resposta fica ansioso meu coração. Como meu único advogado, o Amor – o sempre grande, o Amor – o sempre casto.*

*Creia, minha senhora (autorize-me a chamar-lhe mãe; como então eu serei feliz!), no profundo respeito que lhe consagra, e na lealdade de quem só pode ser feliz com a doce posse de sua querida filha – D. Maria Amélia.*

*Augusto Severo de Albuquerque Maranhão.*

*Guarapés, 09 de dezembro de 1887.*

## FRAGMENTOS CULTURAIS

Colaboração da pesquisadora Josimeire Baggio, Curitiba-PR.

### ROMANCE HISTÓRICO - *Beije-me onde o sol não alcança*, de Mary del Priore

Narra a história real de amor de Maurice Haritoff, Nicota Breves e Regina Angelorum, um "conde russo, a herdeira de um barão do café do Vale do Paraíba e uma ex-escrava. Unindo as pontas do triângulo, paixões, tragédias, a moral hipócrita de uma época, grandes fortunas, falências, derrocadas... [...] O olhar da historiadora faz um retrato vivo do tempo e dos acontecimentos que o marcaram. - Ed. Planeta, 2015

<http://www.planetadelivros.com.br/beije-me-onde-o-sol-nao-alcanca-livro-205858.html>

### IMIGRAÇÃO - *Famílias de origem alemã no Rio Grande do Sul*, Coord.: Nélcio J. Schmidt

Além da própria história em si, sobre a imigração, o livro aborda a genealogia de 100 famílias, descrevendo as quatro gerações, tendo como início o pai do imigrante, o imigrante, o seu filho e o seu neto." Escrito em cooperativa por 66 autores, o livro busca "divulgar a história da imigração alemã e a prática da genealogia". Est Edições, 2015

<http://www.genealogiars.com/noticias/familias-de-origem-alema-no-rio-grande-do-sul-volume-i>

**ANCESTRAIS**

Milionário e José Rico

Escute em [www.youtube.com/watch?v=Cqb9Jz3Miag](http://www.youtube.com/watch?v=Cqb9Jz3Miag)

Lá vou eu  
pelo caminho que levou meu pai  
Lá vou eu  
passar por onde passaram meus ancestrais.  
Lá vou eu deixar também a semente que plantei  
já germinada dando frutos e sementes  
que com certeza, como eu serão decentes  
igual aquele que se foi e eu chorei.

Vou caminhando de cabelos brancos  
chegando ao fim da estrada  
vou encontrar o meu velho pai  
na mais bonita de todas as moradas.

Lá vou eu  
deixar saudades pra quem vai ficar  
Lá vou eu  
passar na estrada onde todos vão passar.  
Adeus, não sou o primeiro e nem o último a partir  
meu pai se foi eu agora estou indo  
o velho tronco de madeira está caindo  
no meu lugar um outro fruto vai surgir.

Vou caminhando de cabelos brancos  
chegando ao fim da estrada  
vou encontrar o meu velho pai  
na mais bonita de todas as moradas.

**REMETENTE**



COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA  
[www.cbg.org.br](http://www.cbg.org.br)

**EXPEDIENTE**

Boletim Informativo  
COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA

Av. Augusto Severo, 8 - 12º andar - Glória  
20021-040 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (21) 2221-6000

Diretoria: Presidente Regina L. Cascão Viana  
Vice-Presidente Carlos Eduardo de Almeida Barata  
1º Secretária Patrícia de Lima Bocaiúva  
2º Secretária Eliane Brandão de Carvalho  
1º Tesoureiro Antonio Cesar Xavier  
2º Tesoureiro Guilherme Serra Alves Pereira  
Dir. Publicações Leila Ossola  
Auxiliares Cinara Maria Bastos Jorge  
Clotilde Santa Cruz Tavares  
Eliana Quintella de Linhares  
Gilson Flaeschen  
Laura de Saint-Brisson Ferrari  
Conselho Fiscal: Attila Augusto Cruz Machado  
Hugo Forain Junior  
Victorino C. Chermont de Miranda

Dias e horários de funcionamento:

2ª-feira de 13 às 17 horas / 3ª-feira de 14 às 17 horas

Página: [www.cbg.org.br](http://www.cbg.org.br)

Email: [cbg@cbg.org.br](mailto:cbg@cbg.org.br)

Diagramação: Escale Serviços de Informática

Impressão: Letras e Versos

**DESTINATÁRIO**

**IMPRESSO**